

SOCIEDADE EM REDE E METROPOLIZAÇÃO: REFLEXOS NA PAISAGEM URBANA DA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS

Luis Felipe Buzaglo¹⁷
Isaque dos Santos Sousa¹⁸

Introdução

A Região Metropolitana de Manaus/RMM tem passado por intensas reestruturações, fruto da metropolização do espaço induzida pelo Estado (LIMA, 2014) e em associação ao capital (SOUSA, 2015). Dessas reestruturações, destacam-se, sobretudo, a expansão dos códigos metropolitanos, os quais podem ser interpretados segundo a difusão continuada das características da metrópole para além dos seus limites territoriais reconhecidos juridicamente (LENCIONI, 2017).

Os apontamentos feitos por Lencioni (2017) apresentam os principais elementos que caracterizam espaços metropolitanos, revelando que a quantidade e a velocidade nos fluxos materiais e imateriais das redes geográficas¹⁹ que se manifestam nesses espaços estão intrinsecamente relacionadas ao processo de metropolização. Desta forma, além do melhoramento nas condições de fluxos materiais, isto é, com deslocamento de pessoas e mercadorias pelo espaço geográfico, as condições de fluxos imateriais vêm provocando profundas reestruturações nos modos de vida das sociedades pelo globo (CASTELLS, 2007), bem como nas cidades da RMM, sobretudo naquelas mais afetadas pela dinâmica da metrópole, Manaus.

De maneira geral, pode-se perceber que grande parte dessas mudanças mencionadas, principalmente para os fluxos imateriais, ocorreram em decorrência do surgimento e aprimoramento das tecnologias que potencializam a comunicação, a circulação das informações, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, com destaque especial para internet, a rede mundial de computadores. Configuram-se assim as condições para a reprodução da vida baseada intensivamente no uso da técnica associada à ciência e pautada no recebimento, processamento e reprodução amplificada das informações, isto é o que M. Santos (1996) define como *meio técnico-científico informacional*²⁰, enquanto M. Castells (2007), tratando como um paradigma, denomina *Sociedade em rede*.

A predominância dessas condições, ainda que seja pautada no seu alto volume de fluxos imateriais não se exime de produzir na realidade material os meios que possibilitam sua reprodução, ou seja, não conseguem desvencilhar-se da materialidade de mundo. Nesse sentido, uma sociedade que tem sua dinâmica pautada

17. Graduado em Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA (2018); Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM (2020); Apoio Técnico (CNPq) do Núcleo de Pesquisas Urbana e Regional – NPUR (desde 2019). E-mail: lfbp.geo@uea.edu.br. ID ORCID: 0000-0002-3065-7367.

18. Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM (2004); Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2007); Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo – USP (2013); Professor do Curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA (desde 2008); Líder do Núcleo de Pesquisas Urbana e Regional - NPUR. E-mail: isousa@uea.edu.br. ID ORCID: 0000-0002-7823-2093.

19. De maneira geral, entende-se neste trabalho as redes geográficas como rede urbana, ou seja, trata-se da capacidade de um conjunto de centros urbanos estarem articulados entre si (CORREIA, 2005). Desta forma, os distintos núcleos de povoamentos são entendidos como nodais, isto é, os nós por onde se articulam os fluxos. Sobre estes últimos, vale ressaltar que é possível que sejam tanto de natureza material (pessoas, mercadorias, matéria prima) quanto imaterial (capital, ordens, informações, mensagens, etc.)

20. Santos (2014) afirma que a história do meio geográfico pode ser dividida grosseiramente em três etapas, o meio natural, o meio técnico-científico e o meio técnico-científico-informacional.

na aceleração constante desses fluxos²¹ exige um adensamento de objetos técnicos²² subsidiários a essa lógica, um robustecimento na tecnosfera²³, de forma que mesmo quando seus fluxos não podem ser vistos a olho nu, sua existência não pode ser ignorada²⁴.

Analisando geograficamente tal questão, pode-se afirmar que somente seus fluxos são imateriais, pois grande parte dos sistemas aos quais pertencem são constituídos por fixos, elementos necessários à existência das redes. Desta forma, esses fixos apresentam-se, em maior ou menor grau, manifestos materialmente no meio em que são inseridos, sendo possível assim observá-los em diferentes categorias de análise e métodos utilizados na Geografia. Portanto, antes de serem objetos de estudos científicos da Comunicação, da Sociologia, da Economia e da Antropologia, é uma realidade geográfica que carece de investigações pela envergadura das dinâmicas que promovem, isto é, os diversos territórios e territorialidades, as imagens e paisagens urbanas produzidas socialmente.

É bem verdade que os objetos técnicos necessários ao meio técnico-científico-informacional se fazem presentes no estado do Amazonas desde o final do século XX, mas é somente na passagem da primeira para a segunda década do século seguinte que a realidade supracitada se desenvolve com maior expressão e intensidade, e ainda assim com restrições, isto pois, seu crescimento mais expressivo se mantém limitado para alguns municípios da RMM (BUZAGLO, 2018).

Na realidade, compreende-se que a ascensão das redes informacionais na RMM está fundamentalmente relacionada à lógica suscitada pela metropolização do espaço (BUZAGLO, 2018), isto porque, ao expandir os seus tentáculos, impõe aos espaços em metropolização demandas assemelhadas às da metrópole, ou seja, caracterizadas por um estilo de vida genuinamente urbano/metropolitano, onde fluxo de informações em alto volume e velocidade é um de seus princípios elementares.

Buscando investigar a efetividade da emergência dessa realidade na RMM para além dos indicadores possíveis em levantamentos secundários, objetivou-se, de maneira geral, compreender como os elementos das redes geográficas informacionais se apresentam expressas na paisagem das cidades de Iranduba e Manacapuru (Figura 1), no ano de 2019. De maneira mais específica buscou-se, primeiramente, identificar na materialidade da paisagem das cidades os elementos que apresentam referência ao meio informacional e, em seguida, discutir teoricamente as lógicas concatenadas a realidade observada, pois se compreende que a medida em que se aprofundam as reflexões sobre a materialidade das redes se pode também encontrar suas causas e razões que são ainda menos visíveis, porém orientam decisivamente sua expansão.

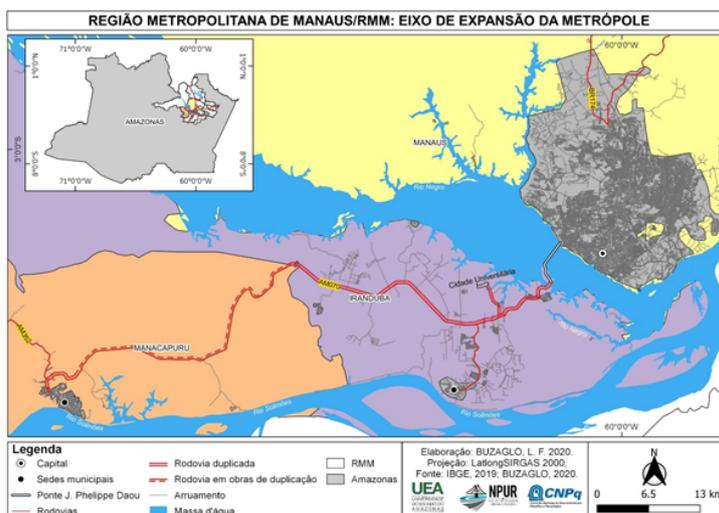
21. A conformação dos meios geográficos produzidos pelas sociedades, a nível de compor um paradigma social, são possibilitados pelas racionalidades que atingem maiores alcances entre as pessoas, as ideias que predominam na esfera da mentalidade social e orientam suas dinâmicas. A esta racionalidade social M. Santos (2014) chama de *psicosfera*.

22. Termo utilizado com referência a obra de Santos (1996), que os entende – *os objetos geográficos* – como a instrumentalização da natureza pela adição ela de artefatos articulados entre si em sistemas, criados pela humanidade de maneira racional e idealizada.

23. Categoria analítica dos meios geográficos, composta pelos objetos e tecnologias utilizadas pelas sociedades. *Tecnosfera*, a esfera da técnica (SANTOS, 2014).

24. Vale ressaltar que esta divisão feita por Santos (2014) entre tecnosfera e psicosfera ocorre apenas por fins didáticos e metodológicos, de maneira que se possa investigar, por abstração, mais detalhadamente as partes que compõem e, ao mesmo tempo, refletem, o todo, bem como o todo reflete suas partes.

Figura 1: Área de estudo: expansão metropolitana - Iranduba e Manacapuru



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A escolha do recorte espacial de análise – cidades de Iranduba e Manacapuru – deve-se por considerar que sejam as mais influenciadas pela dinâmica metropolitana que Manaus promove na unidade regional, de forma que aquelas primeiras se tornem cada vez mais assemelhadas à esta última. Acrescenta-se outro adendo, optou-se por buscar o objetivo, de modo geral, pela categoria de análise paisagem, porque seu próprio conceito, segundo C. Sauer (1998), possibilita a formação de uma imagem generalizada de cenas individuais que podem ser compostas pela associação de um conjunto de diferentes formas e ou objetos; cabendo, portanto, ao raciocínio metodológico aqui adotado.

Por fim, buscando avançar nas investigações sobre a realidade material das redes geográficas informacionais na RMM, priorizou-se aqui aqueles elementos que se entende estarem a promover o aumento do volume e da velocidade nos fluxos, isto pois, são variáveis elementares das principais discussões que permeiam todo o desenvolvimento deste trabalho.

Complementações e procedimentos metodológicos

As preocupações metodológicas aqui tomadas deram-se primeiramente no intento de avançar nas investigações sobre esta temática, uma vez que a elaboração deste trabalho figura como uma expansão de reflexões, as quais se baseiam em pesquisas realizadas²⁵ anteriormente e que enveredaram por outras abordagens, variáveis e categorias de análise.

Outra importante fonte de preocupação que inspirou a elaboração deste trabalho foi dada por influência de Leão (2007), ao fomentar a investigação do *ciberespaço*²⁶ no seu caráter espacial ou topográfico, pois se compreende que os objetos geográficos elementares às realidades virtuais

25. Buzaglo (2018a; 2018b); Buzaglo e Lima (2019a; 2019b, 2019c).

26. Aqui, entende-se o termo ciberespaço como definido por Leão (2007), resumidamente e associado diretamente à internet e às relações que a partir dela são possíveis, sendo uma grande rede mundial comunicação entre pessoas interligadas por computadores.

estão constante e fundamentalmente ligados às relações socioespaciais, econômicas e culturais. Noutras palavras, as antenas físicas, necessárias ao sistema de comunicação, e as Estações Rádio Base nelas instaladas estão fixadas nos territórios, alterando a paisagem urbana; e os aparelhos telefônicos nas mãos das pessoas também moldam, cada vez mais, as relações sociais e as atitudes do cotidiano.

Diante disso, visando compreender as fundamentações e os pressupostos que balizam as problemáticas e, sobretudo, alcançar os objetivos mencionados, pensou-se o desenvolvimento desta pesquisa pautado na razão de raciocínio do materialismo histórico e no método dialético (SPOSITO, 2004). Segundo Sposito (2014), o materialismo histórico compreende a realidade a partir das transformações provocadas pelos conflitos e tensões que a humanidade gera ao transformar, pelo trabalho, a materialidade do mundo, ao longo dos tempos e acrescenta que, nesta lógica,

a teoria se constrói sempre em relação à prática política, formando a práxis (“relação dialética entre o homem e a natureza, na qual o homem, ao transformar a natureza com seu trabalho, transforma a si mesmo (SPOSITO, 1999, p. 350).

E, ao associá-lo à abordagem de Leão (2007, p. 166), reconhece-se que,

O passado técnico das formas adquire considerável relevância para análise do espaço, uma vez que as mudanças estruturais não recriam todas as formas, e as formas do passado continuam a ser utilizadas no novo contexto. Até certo grau, as transformações sociais são limitadas pelas formas preexistentes.

Entende-se que a razão de raciocínio compreende em harmonia o objeto de estudo deste trabalho, pois os objetos geográficos envolvidos no processo de sustentação das redes são amostras dessa realidade que se comporta em um materialismo histórico dialético.

Por fim, o referido método compreende a tentativa de se alcançar uma visão mais ampla da realidade estudada, um ponto de vista mais elevado a partir da análises das transformações ao longo dos tempos, provocadas pelas contradições, conflitos e confrontos de afirmações e informações, ou seja, a superação das compreensões mais superficiais, descritivas e imediatas que se possa fazer da realidade, enfim, a tentativa do alcance da verdade, que é fruto da razão (SPOSITO, 2004).

Mais especificamente para o alcance dos objetivos, foram utilizados procedimentos metodológicos como pesquisas de campo nas duas cidades para coleta de dados primários, sobretudo, registros fotográficos e sua posterior análise; levantamento e revisão bibliográfica, tanto sobre as temáticas centrais que permeiam este trabalho, por exemplo,

redes geográficas (CORRÊA, 2005), períodos técnicos, objetos e meios geográficos (SANTOS, 2014), sociedade em rede e o paradigma informacional (CASTELLS, 2007), metropolização do espaço (LENCIONI, 2017) e a Região Metropolitana de Manaus (SOUSA, 2015). Quanto a questões ou condições metodológicas apropriadas para este trabalho, fundamenta-se Leão (2007), a categoria de análise da paisagem em Sauer (1998) e a razão de raciocínio adotada e os pressupostos do próprio método utilizado em Sposito (2004).

O informacionalismo na paisagem: entre técnica e ideologia

Diferente do que se costumava encontrar nos textos e discursos sobre as cidades ribeirinhas da Amazônia, a realidade observada ao analisar Iranduba e Manacapuru foi de que as materializações tecnológicas se apresentam agora expressas na paisagem urbana e, de maneira marcante, os objetos geográficos que correspondem à racionalidade do meio técnico-científico informacional, com profundidade, se relacionam às formas de reprodução da vida em sociedade.

Nesse sentido, pode-se destacar que os elementos aqui enfatizados se manifestam na paisagem das cidades estudadas de duas principais formas, numa de maneira mais imediata e expressiva, pois seus objetos se encontram materializados em maiores proporções físicas; noutras menos, pois se apresentam em dimensão menos material e mais simbólica e comunicativa de um discurso ideológico de novidade e flexibilidade econômica.

Elementos técnicos (ou materializações) do informacionalismo

Em se tratando da primeira forma mencionada, pode-se iniciar destacando as empresas responsáveis por fornecer as variadas formas de acesso à internet, pois dispostas em imóveis, ou seja, casas, prédios ou escritórios onde administram seus recursos, planejam e gerenciam suas atividades. Destacam-se também aquelas que atuam no mercado que se forma no entorno dessas primeiras, como, por exemplo, as assistências técnicas, lojas de acessórios, eletrônicos e lan houses, paramentadas por todos os suportes necessários para a fluidez nas redes informacionais.

Para além das empresas em si, estão as estruturas técnicas, suportes propriamente tecnológicos para o fornecimento dos serviços, efetivando suas possibilidades. Nesse contexto, destacam-se objetos de tamanhos expressivos que agora passam a alargar a extensão da sua presença na paisagem dessas cidades, marcando-as profundamente. Destacam-se, nesse sentido, a presença dos cabos de energia e transmissão de dados atrelados aos postes que os suportam; as antenas de recebimento, espalhamento, repetição e amplificação de sinais; e, por fim,

de maneira mais expressiva ainda, as torres das empresas e suas múltiplas possibilidades tecnológicas de distribuição de sinais (Figura 2).

Figura 2: Torres de telecomunicação em Manacapuru-AM



Fonte: Próprio autor, 2019.

As torres de telecomunicação presentes na paisagem das cidades estudadas além de mera materialização tecnológica com múltiplas possibilidades marcam, nesse recorte, o surgimento de uma temporalidade estranha à que se acostumou a ver nas pequenas cidades da Amazônia Ocidental, quase sempre ribeirinhas e fortemente sujeitas aos tempos cíclicos naturais, como dos plantios e colheitas, na terra firme, e as cheias e vazantes dos rios, nas áreas de várzeas. Diferente da temporalidade pretérita, de tempos lentos, a que vem a se estabelecer é marcada pela velocidade no recebimento, processamento e reprodução de informações e obedece sobretudo aos tempos acíclicos da economia mundial.

Ademais desta nova temporalidade, a nova racionalidade que se efetiva não se encontra mais orientada pela mesma doutrina que fundamenta as construções das imponentes torres das igrejas católicas que tradicionalmente marcavam a paisagem dessas cidades no passado²⁷, fruto da herança colonial portuguesa, mas sim pela ideologia que fundamenta a construção das torres de telecomunicação, ou seja, a globalização contemporânea.

Manifestou-se também esta racionalidade, para além deste aspecto mais técnico, nas ações dos sujeitos que, antes dos próprios instrumentos, dão e são o sentido para a promoção de tal realidade, ou seja, os sujeitos que os promovem e consomem. Desta forma, destacam-se os grupos sociais organizados – como governos, instituições, empresas enquanto recursos humanos e os demais setores sociais, que se empenham e suscitam a utilização de tais recursos formando o mercado consumidor – como os atores e agentes sociais (VASCONCELOS, 2011), que menos ou mais diretamente se dedicam em imprimir na paisagem

27. Referência a Oliveira (2004) quando este descreveu a paisagem das pequenas cidades na Amazônia brasileira e ressaltou o contraste entre as torres das igrejas e as então recentes torres de telefonia. Aquelas torres de telefonia que eram ainda novidade na descrição de Oliveira (2004), agora se apresentam como elementos iconográficos que não podem mais ser ignorados nas cidades compreendidas por este trabalho, e agora possuindo ademais o advento do acesso à internet.

das cidades uma aparência de dinâmica social pautada em fluxos informacionais.

Tratando das empresas²⁸—conforme o caráter mencionado—, destacam-se as campanhas de divulgação dos seus serviços, extrapolando os limites das paredes, muros e fachadas dos seus imóveis, de forma que as mesmas tenham maior alcance, conquistando mais clientes. Essas campanhas, por vezes, se caracterizam como verdadeiras ofensivas, com seus funcionários saindo às ruas, distribuindo panfletos para divulgar promoções, montando estandes em praças e/ou esquinas, territorializando-as momentaneamente e ofertando planos, pacotes e contratos que podem ser assinados instantaneamente.

Figura 3: Campanha Amazon+ na praça Riachuelo (Manacapuru-AM)



Fonte: Próprio autor, 2019.

Constatou-se, a partir da análise das paisagens, que essa dinâmica encontra-se profundamente inclusa nessas cidades na medida em que se observa a ampla utilização dos recursos informacionais na vida social, sobretudo nos estabelecimentos comerciais, como na utilização de computadores, máquinas para cartões débito e crédito, acesso à rede Wi-fi exclusivo para clientes. Afora a parcela envolvida diretamente no aspecto comercial, a população em geral, por sua vez, simpática ao processo o consome – e consoma – com seus aparelhos móveis ou portáteis, sempre ao alcance das mãos, como uma extensão do próprio corpo humano.

Elementos simbólicos e ideológicos do informacionalismo

Os elementos correspondentes às realidades informacionais também se apresentam na paisagem das cidades estudadas de maneira mais indireta do que as citadas acima, utilizando-se intensivamente de comunicação não verbal²⁹, como por imagens e símbolos encontrados em cartazes, fachadas e vitrines, fazendo referência à realidade informacional, como logomarcas de empresas, possibilidades de comunicação e entretenimento.

28. Trata-se aqui das empresas de fornecimento de internet, fixa ou móvel.

29. Ainda que a comunicação verbal não tenha sido excluída.

Diferente das mencionadas anteriormente, as empresas que neste momento se destacam correspondem as representantes dos grandes grupos nacionais de operadoras de telecomunicações, como Vivo, Oi, Tim, Claro e SKY que se impregnam nas vitrines das lojas de indiscriminados gêneros, sugerindo pacotes, planos e promoções de acesso à internet móvel e fixa³⁰. Por simples constatação da paisagem, destaca-se também com frequência as logomarcas de empresas de serviços financeiros como Visa, Elo, MasterCard e American Express, possibilitando a aquisição de uma infinidade de produtos por meio de pagamentos em crédito e/ou débito³¹, não carecendo mais, portanto, do dinheiro em espécie.

Figura 4: Vitrine: loja de carimbos em Iranduba-AM



Fonte: CARLOS, M. V. S., 2019.

Outros elementos simbólicos que chamaram a atenção na paisagem das cidades estudadas foram as logomarcas de redes sociais nas fachadas e vitrines dos mais variados estabelecimentos comerciais. Ainda que se tenha o entendimento de que os meios de comunicação historicamente representam um canal de aproximação entre as empresas e seu mercado consumidor, o que se enfatiza aqui é a multiplicação das possibilidades de uso da internet, de modo que os mais formais e tradicionais meios – como *E-mail* e telefones fixos – progressivamente abrem espaço para as ferramentas e redes sociais mais populares – *Youtube*, *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook* etc.

Identificaram-se, também, cartazes que sugerem a comercialização de créditos para utilização de serviços somente disponíveis em plataformas digitais e/ou em aplicativos. Neste sentido, destacam-se o custeio de transportes por aplicativos de carona como *Uber* e *99 POP* (nestes casos utilizáveis somente na metrópole Manaus, até então seu reduto de atuação); acesso à plataforma *Netflix* sem a necessidade de possuir uma conta; compra de aplicativos ou arquivos pagos na plataforma *Google Play* e benefícios em jogos online como *Free Fire*, atualizações e gestão dos mesmos (os jogos) em *softwares* como *Steam* (Figura 4).

30. As empresas fornecedoras de internet móvel e fixa, citadas no trecho, correspondem às representantes dos Grandes Grupos de telecomunicações a nível nacional. Esta e outras informações mais detalhadas sobre a efetiva atuação dessas empresas na área estudada podem ser constatadas no Plano de Dados Abertos da Agência Nacional de Telecomunicações/ANATEL, disponível em: <https://www.anatel.gov.br/dados/component/content/article/125-chamadas/280-dados-abertos>.

31. Cabe ressaltar que imprescindivelmente esses serviços requerem uma conexão estável da internet para que se efetivem as transações com segurança.

Por fim, destaca-se também a constante utilização, por parte dos estabelecimentos comerciais, de placas que indicam livre acesso à internet via *wi-fi*. Dessa forma, tais estabelecimentos buscam aproximar seus clientes e induzi-los ao consumo, além de oferecer-lhes uma sensação de conforto e privilégio por consumirem naquele local.

Mesmo fazendo, em primeiro momento, uso de uma abstração metodológica que isola os elementos técnicos dos ideológicos, ao analisarmos de maneira geral os elementos levantados neste tópico, entendemos que se direcionam a produção de uma dinâmica estranha à da paisagem em que se inserem. Mais especificamente, notou-se que a emergência da dinâmica aqui tratada, que é própria ao capital, beneficia-se das estruturas que o Estado, nas suas dimensões política, jurídica e ideológica³² busca promover na realidade dessas cidades, e se insere, primeiramente a partir de suas estruturas técnicas (as materializações) para em seguida afirmar-se enquanto racionalidade perene.

Por fim, analisando os elementos identificados, sobretudo a partir da afirmação de Sauer (1958, p. 59): “com a introdução de uma cultura diferente, isto é, estranha, estabelece-se um rejuvenescimento da paisagem cultural ou uma nova paisagem se sobrepõe sobre o que sobrou da antiga”, verificou-se também que a categoria de análise paisagem compreendeu adequadamente os objetivos deste trabalho revelando as transformações pelas quais vem passando a área estudada.

Metrópole como nó das redes entre o local e o global

A revolução tecnológica ocorrida na segunda metade do século XX, em decorrência da democratização do acesso e baseada na tecnologia de informação, provocou também uma remodelação da base material da sociedade e na forma como esta se organiza, incluindo uma reestruturação do capitalismo, de sorte que economia, estado e sociedade passam a se relacionar de maneira mais flexível (CASTELLS, 2007). Com esta nova realidade, própria do meio técnico-científico informacional, efetiva-se a articulação e a interdependência entre economias globais, regionais e até mesmo locais em uma velocidade muito maior do que em temporalidades anteriores.

De maneira mais imediata essa dinâmica pode ser observada mais plenamente nas metrópoles, por dispor e condensar a racionalidade e as técnicas necessárias para produção de um espaço pautado na quantidade e rapidez dos fluxos, sendo consideradas por Haesbaert (2009) como síntese da modernidade. Desta forma, entende-se que a difusão do informacionalismo no recorte estudado está diretamente associada à difusão e intensificação dos códigos metropolitanos que Manaus promove e impulsiona essas cidades, de forma que mesmo nas paisagens do cotidiano elas se tornem cada vez mais parecidas com a sua capital.

32. Raciocínio pautado na tríade analítica utilizada por Lima (2014) ao tratar sobre a metropolização do espaço e a institucionalização da RMM.

Dessa forma, notou-se que, pelo informacionalismo, busca-se promover nas cidades estudadas aquelas características fundamentais destacadas por Lencioni (2017) quando refere-se a metrópole, a saber, ser um representativo nó nas redes urbanas, envolvendo suas mais diversas variáveis, como por exemplo, poder de decisão, cultura, inovação, consumo, informação e comunicação; ser, por excelência, o lócus da inovação tecnológica; e, ter uma grande variedade de atividades econômicas que visam sustentar a reprodução do capital.

Percebe-se aqui a impossibilidade das metrópoles não estarem articuladas em redes informacionais, pois elas suprem sua necessidade constante e crescente da (re) produção e disseminação de informações, sendo capazes, dessa forma, de articular mais efetivamente as cidades, possibilitando maior fluidez, sobretudo econômica, constituindo e afirmando ou expandindo cada vez mais as regiões metropolitanas (SPOSITO, 2008).

Tratando-se de redes informacionais, portanto, fluxos imateriais, o feito que se produz na sociedade em relação ao espaço é uma expectativa de menor interação com o meio geográfico em sua condição mais natural (SANTOS, 1996) e seus sistemas territoriais mais locais para privilegiar interações verticalizadas, ou seja, entre pontos sem contiguidades espaciais, mas que, por suas constantes interações, “asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia” (SANTOS, 2014) por meio dos círculos de cooperação, fundamentados nos circuitos espaciais da produção.

Essa dinâmica pode ser verificada, por exemplo, nos setores de comércio e serviços, em que o informacionalismo privilegia sobretudo os grandes empreendimentos, que oferecem mercadorias e serviços próprios da racionalidade técnico-científico informacional, ao passo que os empreendimentos mais tradicionais, isto é, aqueles que remetem a uma temporalidade anterior, passam a também se inserir nessa lógica, porém mais lentamente.

De maneira mais grosseira, essa distinção pode ser notada ao se analisar a paisagem das duas cidades estudadas, isto pois em Manacapuru a utilização dos adventos informacionais encontram-se intensivamente empregados nos grandes empreendimentos, como lojas, supermercados, clínicas de saúde e instituições privadas de ensino, ao passo que em Iranduba encontram-se mais voltados para pequenos empreendimentos, como papelarias, tabernas, lan houses e venda de produtos locais. Notou-se, portanto, que o emprego das possibilidades informacionais nos setores de comércio e serviços reflete o próprio perfil da dinâmica econômica que, de maneira geral, predomina nessas cidades.

Considerações finais

Visando alcançar uma visão mais aprofundada da realidade que não meramente quantitativa e descritiva, isto é, além de reforçar a evidência de um setor de serviço em constante ascensão no cenário regional amazônico, buscou-se compreender de quais formas as redes informacionais se manifestam material e simbolicamente na paisagem urbana e observou-se que estas vêm se inserindo de modo progressivo e cada vez mais intenso no cotidiano da população das cidades de Iranduba e Manacapuru.

Assim, primeiramente, foi identificado que as estruturas técnicas necessárias para o funcionamento da dinâmica informacional, isto é, os fixos que compõe as redes que possibilitam os fluxos, são os seus aspectos que mais chamam atenção nas paisagens das cidades, pelo tamanho mesmo que apresentam. Nesta categoria pode-se mencionar, entre outros, os escritórios das empresas de acesso à internet, os postes, cabos e, sobretudo, suas torres de transmissão de sinais.

Em seguida, observou-se que os elementos estudados se manifestam também materializados na paisagem em tamanhos menos expressivos, porém não menos inseridos na vida da sociedade. Estes elementos apresentam-se em caráter mais simbólico e ideológico, comunicando e induzindo a uma racionalidade exógena e diversa, assemelhando-se ao perfil da metrópole.

Destes últimos elementos supracitados, pode-se se destacar símbolos, logomarcas, imagens e desenhos que indicam a racionalidade informacional, por exemplo, as fachadas de estabelecimentos com logomarcas de cartões de crédito informando realizarem transações financeiras via crédito e/ou débito; as sugestões de comunicações por meio de variadas possibilidades de redes sociais; e a própria comercialização de produtos somente acessíveis em meios informacionais, como acesso à plataformas de filmes, jogos, músicas; e ainda outros utilizáveis somente na própria metrópole como créditos para uso de transportes por aplicativos.

Chama-se aqui atenção para o caráter financeiro que as redes mencionadas reproduzem nas cidades estudadas, e se endossa a afirmativa de Leão (2007) sobre como o ciberespaço reflete perfeitamente a lógica da sociedade urbana, sobretudo pela lógica do consumo. Tendo constatado esta realidade, pode-se dizer que as transformações na paisagem dessas cidades também são reflexos dos incrementos dos objetos geográficos tecnológicos suscitados pelo recente processo de metropolização do espaço. Nesse sentido, vale também ressaltar que, a partir dos resultados obtidos, verificou-se êxito na investigação da temática em questão, por meio da categoria de análise paisagem, sendo possível assim revelar as transformações pelas quais vem passando a área de estudo.

A partir da aproximação dos processos e fenômenos, possibilitada pela metodologia adotada, foi possível evidenciar as transformações materiais mencionadas e explorar novas facetas do estudo sobre metropolização do espaço regional, e desta forma, reforçar a afirmação da emergência de um paradigma informacional que se expande progressivamente no mesmo sentido, isto é, da metrópole Manaus, para as demais cidades da RMM, como espaços metropolitanos.

Referências

BUZAGLO, Luis Felipe. **Questões sobre a metropolização do espaço e as redes informacionais na Região Metropolitana de Manaus/RMM**. Monografia. Manaus. Universidade do Estado do Amazonas - UEA. 2018a.

BUZAGLO, Luis, Felipe e LIMA, Susane Patrícia Melo de. Dos fixos para os fluxos - As redes geográficas na Amazônia Ocidental e a Institucionalização da Região Metropolitana de Manaus/RMM. In: **Anais [...]**. SEMANA DE GEOGRAFIA DA ESCOLA NORMAL SUPERIOR, 7, 2018B, p. 36-40. Disponível: <https://issuu.com/npur/docs/anais_da_vii_semageo_uea_2018>. Acessado em: 20 mar. 2019.

BUZAGLO, Luis Felipe; LIMA, Susane Patrícia Melo de. O paradigma dos fluxos informacionais na Região Metropolitana de Manaus/RMM - Algumas ponderações. In: **Anais [...]**. SEMANA DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, 23, 2019a, Manaus - Paisagens: Entre a contemplação e o uso dos recursos naturais. Manaus.

BUZAGLO, Luis Felipe; LIMA, Susane Patrícia Melo de. Paisagem e sociedade em rede na Região Metropolitana de Manaus/RMM: Questões preliminares sobre Manacapuru-AM. In: **Anais [...]**. SEMANA DE GEOGRAFIA, 23, 2019, Manaus. Paisagens: Entre a contemplação e o uso dos recursos naturais. Manaus. 2019b.

BUZAGLO, Luis Felipe; LIMA, Susane Patrícia Melo de. O papel dos fixos das redes geográficas na articulação dos lugares na Região Metropolitana de Manaus/RMM. In: **Anais [...]**. SEMANA DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS, 23, 2019, Manaus - Sociedade, Política e Economia na Amazônia. Manaus. 2019c.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. São Paulo. Editora Zahar. 2005.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo. Editora Paz e Terra S/A. 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2005.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. São Paulo. Contexto. 2009.

LEÃO, Eneida. Topografia do ciberespaço: uma proposta metodológica. In: FREITAS, Ricardo Ferreira; NACIF, Rafael (orgs.). **Redes urbanas: comunicação, arte e tecnologia**. Rio de Janeiro. EdUERJ. 2007.

LENCIONI, Sandra. Reconhecendo metrópoles: território e sociedade. In: SILVA, Catia Antônia da; FREIRE, Desirée Guichard; OLIVEIRA, Floriano José Godinho (orgs.). **Metrópole: Governo, sociedade e território**. Rio de Janeiro. DP&A; Faperj. 2006.

OLIVEIRA, José Aldemir de. A cultura nas (das) pequenas cidades da Amazônia Brasileira. In: **Anais [...]**. CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8. Coimbra. 2004.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2014.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional**. São Paulo. Editora HUCITEC. 1996.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, tempo, cultura. Rio de Janeiro. EdUERJ. 1998.

SOUSA, Isaque dos Santos. **A ponte Rio Negro e a reestruturação do espaço na região metropolitana de Manaus: um olhar a partir de Iranduba e Manacapuru**. Manaus: Reggo/UEA Edições, 2015.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia: Contribuições para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo. Editora UNESP. 2004.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Redes e cidades**. São Paulo. Editora UNESP. 2008.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A utilização dos agentes sociais nos estudos de geografia urbana: avanço ou recuo? In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopez de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs.). **A produção do espaço urbano: Agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo. Contexto. 2011.